

As aparências enganam

Luiz Adolfo Pinheiro
Diretor de Redação

Os leitores mais antigos, que tiveram o privilégio de ler a revista **O Cruzeiro**, hão de se lembrar, com saudade, do grande humorista Carlos Estêvão, criador de uma das seções mais lidas, denominada "As aparências enganam". Com muita inspiração, Estêvão desenhava em uma página algumas figuras que pareciam, por exemplo, uma senhora com uma faca na mão prestes a golpear uma indefesa criança. Na página seguinte, reproduzia-se o mesmo desenho, como se todas as luzes estivessem acesas, onde se via que era apenas uma inocente cena qualquer da vida doméstica. Por trás do humor, uma lição de vida: não se devem fazer julgamentos precipitados de coisas ou de pessoas, que parecem ser; mas que não são. Algo que o Evangelho já ensina: "Não julgueis e não sereis julgados".

Essas recordações ocorrem a propósito da onda de insanidade que toma conta do Brasil de hoje, onde se reúnem indícios de fatos que parecem ser e não são — mas passam à opinião pública como tendo sido. A título de homenagem a Carlos Estêvão, poderíamos inventar algumas dessas situações, muito parecidas com o que acontece no dia-a-dia da vida nacional. Por exemplo:

a) — Um jornalista é visto em agosto almoçando com um rico empresário, num famoso restaurante da cidade. Em setembro, o jornalista aparece de carro zero-quilômetro. Conclusão: foi corrompido pelo empresário em troca de um carro novo. Verdade dos fatos: o jornalista é do PT, detesta empresários, almoçou a contragosto só para cumprir pauta. E seu carro foi obtido por sorteio num consórcio, do qual já pagara 22 prestações.

b) — Um cidadão entra, às 10h, no apartamento do deputado João Alves e sai, uma hora mais tarde, com um cheque no bolso.

Conclusão: é um suspeito, que deve ser imediatamente ouvido na CPI do Orçamento, pois certamente tem a ver com verbas orçamentárias. A verdade: o cidadão é um veterinário, que foi chamado para curar a dor de barriga da cachorrinha do deputado. E como não costuma trabalhar de graça, cobrou a consulta, paga em cheque.

c) — Um padre é surpreendido ao sair, à noite, de uma casa suspeita. Conclusão: ele é amante de uma das moças do lupanar. Verdade: o piedoso sacerdote foi chamado para dar a extrema-unção à cozinheira do bordel, que sofreu ataque cardíaco e faleceu em seguida.

d) — Um ex-diretor de importante órgão público tem um belíssimo sítio perto de Brasília, onde dá grandes festas. Conclusão: trata-se de um funcionário corrupto, que ganhou dinheiro ilicitamente enquanto ocupou aquela função. Verdade: o ex-diretor é uma pessoa correta, o sítio é da mulher, com quem é casado em regime de separação de bens e que recebeu a propriedade por herança do pai. O referido funcionário detesta festas e a chamada vida campestre, não pode nem ver galinhas ou cachorro, tem horror de morar ali e sonha em largar a mulher e se mudar para Miami.

e) — Um general da Reserva escreve carta a um grande jornal reclamando da decadência dos costumes políticos e pedindo que todos os homens de bem se unam para salvar o País. Conclusão: trata-se de um golpista, articulado com um forte esquema de militares descontentes, que pretende uma **fujimorização** do Brasil. Verdade: o general é democrata, tem pavor de golpismo, foi marginalizado pelo movimento de 1964 e acha apenas que um oficial-general não pode ganhar o equivalente a um motorista do Senado.

A lista é infinita, mas vamos parar por aqui. Fica a homenagem a Carlos Estêvão e a todos os que acreditam que as aparências enganam.